

Mercado vê Selic em 9,5% em 2024

Previsões anteriores indicavam 9%; agora há mais reflexos das incertezas internacionais e do descarte do déficit zero pelo presidente

DE SÃO PAULO

Cinco dias após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter descartado a meta de déficit zero em 2024, o comunicado do Comitê de Política Monetária (Copom) de quarta-feira, consolidou no mercado a avaliação de que a elevação do ritmo de cortes dos juros está praticamente descartada.

Mais do que isso, o risco fiscal e a menção do Banco Central ao cenário externo “adverso” indicaram que o mais provável nesse momento é até uma diminuição do passo – de 0,5 ponto percentual para 0,25 de queda a partir de março.

Com isso, o que surge no horizonte é uma taxa básica de juros, no final desse ciclo de cortes, mais alta do que se esperava inicialmente. Até a semana passada, o mercado projetava uma Selic de 9% ao final de 2024.

FECOMÉRCIO

A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado (FecomercioSP) diz que a postura do governo no lado fiscal e o cenário externo sensível impedem uma redução da Selic maior do que 0,5 ponto, lembrando que a previsão era zerar o déficit em 2024, mas que ainda faltam R\$ 168 bilhões em receitas para atingir essa meta.

No Boletim Focus, do Banco Central, divulgado na segunda-feira, essa expectativa havia subido para 9,25%. Depois da reunião de quarta, porém, boa parte dos analistas já fala em 9,5% ao fim do ciclo.

Embora essa não pareça uma diferença tão grande, tem um grande impacto para a economia, porque deixa um pouco mais caros, por exemplo, os financia-



Reunião dos integrantes do Federal Reserve: juros altos nos Estados Unidos pressionam decisões no Brasil

mentos para os investimentos das empresas.

O BC diminuiu a taxa bá-

sica de 12,75% para 12,25% na quarta-feira, em linha com o que indicava o con-

senso do mercado. O BC afirmou que é unânime entre os membros do Copom

a previsão de reduções “de mesma magnitude nas próximas reuniões”. Mas não apenas mudou a qualificação do ambiente externo, de “mais incerto” no comunicado de setembro para “adverso” agora – em parte pela alta dos juros americanos.

Após a decisão, o Itaú Unibanco diminuiu a projeção de corte dos juros em dezembro, de 0,75 para 0,5 e aumentou a sua estimativa para a Selic no fim do ciclo de cortes de 9% para 9,5%, citando o cenário global instável e o “ligeiro aumento da incerteza doméstica”.

Já o Goldman Sachs reiterou a expectativa de baixa de 0,5 ponto em dezembro e janeiro, mas atentou para o risco de uma desaceleração a 0,25 por reunião a partir de março. (Estadão Conteúdo)